

## OFICINAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE COM GRUPOS DE ADOLESCENTES: UM RELATO DE OFICINEIROS

Pinto, Tainá Adrielle Pereira<sup>1</sup>

Alves, Camila Neumaier<sup>2</sup>

Bublitz, Susan<sup>3</sup>

Ribeiro, Danilo Bertasso<sup>4</sup>

Peres, Roger Rodrigues<sup>5</sup>

Stumm, Karine Eliel<sup>6</sup>

Silva, Rodrigo Marques da<sup>7</sup>

Wilhelm, Laís Antunes<sup>8</sup>

Bubadué, Renata de Moura<sup>9</sup>

Silva, Silvana Cruz da<sup>10</sup>

Santos, Carolina Carbonell<sup>11</sup>

Barreto, Camila Nunes<sup>12</sup>

Ilha, Caroline Bolzan<sup>13</sup>

Ressel, Lúcia Beatriz<sup>14</sup>

**Caracterização do problema:** A adolescência é um período de transformações físicas e psicológicas que trazem aos adolescentes dúvidas e questionamentos que muitas vezes os confundem. Todo o desenvolvimento corporal aliado ao afloramento da sexualidade faz com que a adolescência seja uma fase da vida que mereça mais atenção, pois é nessa época que ocorrem os questionamentos, a descoberta e afirmação da personalidade frente à sociedade. O adolescente defronta-se com a vontade de se descobrir social e sexualmente e ainda com os limites impostos pelos pais. Agrava-se isto com as dúvidas naturais que a pouca idade e a experiência impõem, e a necessidade de se assemelhar ao grupo de amigos que compõe seu círculo de amizades. Nessa fase, além de todos os questionamentos levantados sobre si, pela sociedade e família, alguns adolescentes já começam a manter relações sexuais e, devido ao pouco conhecimento que a maioria deles possui, torna-se um período em que o adolescente necessita de orientações, por meio de educação em

saúde, para vivenciar de forma responsável sua adolescência, sua sexualidade, seu autocuidado, sua emancipação social e o exercício de cidadania. Segundo RAMOS (2001), a enfermagem tem uma responsabilidade fundamental no trabalho com adolescentes, visando à busca da equidade na realização das práticas de saúde, a ampliação da autonomia e a co-responsabilização de adolescentes homens e mulheres ao lidar com a vida e com a prevenção de agravos que trazem sofrimento no processo do adolecer. Com o objetivo de proporcionar educação em saúde, o Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), desenvolveu 60 oficinas lúdico-pedagógicas, com enfoque lúdico, em duas escolas da rede pública de ensino fundamental, da zona norte do município de Santa Maria, no período de 2007 a 2009, a partir do projeto de extensão “Adolescer: Crescer e Viver”. Essas oficinas buscaram integrar os participantes e fazê-los refletir acerca dos assuntos relacionados a temáticas da adolescência, prioritariamente em relação as DSTs, métodos contraceptivos e gravidez, violência, uso de substâncias psicoativas, sexualidade e gênero, proporcionando troca de informações e experiências; bem como a interação entre os adolescentes e os acadêmicos, proporcionando um saber técnico aliado ao conhecimento popular dos adolescentes.

**Descrição da experiência:** As oficinas abordaram temas relacionados à adolescência, numa perspectiva de saúde como direito. Balizamos estas na Metodologia Participativa, pautada nas orientações de LOPES et al (2001), contidas no Manual “Adolescer: compreender, atuar, acolher” do “Projeto Acolher”, que é uma iniciativa da Associação Brasileira de Enfermagem e do Ministério da Saúde. Participaram, em média, de seis a treze adolescentes de cada escola, em cada encontro, e os acadêmicos do PET Enfermagem UFSM e alunos voluntários deste curso responsáveis pelas atividades. Em cada oficina eram realizadas atividades que requeriam a participação ativa dos adolescentes, fazendo com que eles trouxessem suas experiências, suas dúvidas e conhecimentos sobre os temas tratados. Entendemos as oficinas como um espaço de reflexão e de compartilhamento de saberes, construídos coletivamente a partir das vivências singulares, como possibilidade de empoderamento dos participantes (AFONSO, 2002). Nesse sentido, os temas abordados em nossos encontros premiaram as escolhas dos adolescentes e faziam parte do contexto destes, sendo trabalhados

nas oficinas. A seguir descrevemos algumas oficinas executadas no projeto: oficina “Eu e o grupo”, a qual viabilizou a integração do grupo, partindo da oportunidade de verbalizar seus valores, suas características pessoais e as condições necessárias para o desenvolvimento de uma atividade grupal, reafirmando o respeito, o espaço de fala equânime, a sinceridade, a assiduidade, a pontualidade, e o apoio; oficina “Sou adolescente, sou homem, sou mulher...”. Nessa oficina foi possível refletir sobre as diferentes fases da vida humana, discutindo em cada etapa, os papéis atribuídos aos homens e as mulheres, de acordo com o gênero masculino e feminino, além de abordar as vantagens, as desvantagens e os comportamentos construídos socialmente na adolescência e estendidos durante a vida adulta; oficina “O corpo de Maria e o corpo de João”. Nessa, foram identificadas as diferentes partes do corpo do homem e da mulher e suas funções, bem como as mudanças corporais na adolescência, estimulando sempre o auto-cuidado na saúde dos adolescentes; oficina “Auto-estima: o que é isto?”. Oficina na qual discutiu-se o conceito de auto-estima, possibilitando a reflexão sobre a percepção de si mesmos, o cuidado com o corpo e o respeito por si e pelos outros; oficina “Conversando sobre o uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas”, onde houve uma explanação, por meio de jogos e brincadeiras e posterior discussão acerca do uso de drogas lícitas e ilícitas e a banalização do uso destes na sociedade; oficina “Conversando sobre a gravidez na adolescência, aborto e anticoncepção”. Oportunizou discutir sobre a repercussão do tema em relação à vida social, à rotina diária e aos planos dos adolescentes para o futuro. Propiciou, também, conhecer os métodos anticoncepcionais mais adequados aos adolescentes e refletir acerca da prevenção de uma gravidez; oficina “Conversando sobre as DST/Aids”, na qual foram debatidas as doenças sexualmente transmissíveis mais comuns, as formas de contágio, os sinais e sintomas e a forma de prevenção; oficina “Conversando sobre violência e educação para a paz”, em que se buscou sensibilizar os adolescentes para a paz e para a harmonia, nas relações interpessoais nos diversos meios sociais onde eles convivem. No último encontro, realizamos uma avaliação acerca das oficinas e uma auto-avaliação da participação e do aproveitamento dos adolescentes. **Efeitos alcançados:** Observamos o despertar de interesse, discussão e reflexão acerca dos temas trabalhados nas oficinas, como sexualidade, violência, o uso de substâncias

psicoativas, gravidez na adolescência e autocuidado, promovendo o empoderamento dos adolescentes participantes frente a essas questões, possibilitando-os para multiplicarem estes conhecimentos. Percebemos que os adolescentes conseguiram compreender o mecanismo de transmissão de DSTs e do vírus HIV e refletir sobre comportamento sexual saudável e o autocuidado; eles também conseguiram identificar as diferenças de gênero presentes na sociedade; atos de violência; trouxeram experiências vivenciadas no uso de drogas, exemplificando com histórias que envolviam amigos ou familiares; e abordaram com facilidade a temática da gravidez na adolescência, contextualizando com situações de pessoas próximas, mas desconheciam alguns métodos contraceptivos. Através de suas falas durante as atividades, eles consideraram as oficinas importantes para aquisição de conhecimento e de autocuidado. Apreciaram as dinâmicas empregadas, e referiram facilidade de entendimento em relação ao material informativo, produzido pelos petianos e entregue nos dias dos encontros de acordo com o respectivo assunto de cada oficina. As atividades possibilitaram também o aprimoramento dos petianos quanto ao desenvolvimento da prática de realização de oficinas, estudos sobre as temáticas, além de proporcionar uma experiência considerável no trabalho com grupos de adolescentes.

**Recomendações:** Podemos concluir que a metodologia participativa possibilitou a criação de um espaço de discussão e permuta de experiências aos adolescentes, permitindo que eles refletissem sobre a vivência sexual responsável, comportamento de risco e vulnerabilidade, tornando-os sujeitos ativos na sua aprendizagem. Essa vivência oportunizou a criação de um espaço dialógico aos adolescentes. E, para nós,icineiros, possibilitou a prática de trabalhar com grupos, a ampliação e o aprofundamento dos conhecimentos temáticos e metodológicos, e ainda oportunizou a percepção da nossa responsabilidade coletiva e compromisso social. Esta experiência auxiliou na superação de certos desafios a nós acadêmicos, como: a carência, ao longo da graduação, para realizar trabalhos com grupos; a compreensão da relevância de todas as etapas de organização e efetivação de atividades grupais; a adequação de linguagem ao contexto do grupo; o desenvolvimento de exercício de trabalho em equipe; e o exercício de facilitador de um espaço equânime de participação a todos do grupo. Essa concepção de educação fomentada nas oficinas, proporcionou aos

adolescentes a possibilidade de aprofundar a consciência de sua própria dignidade, cultura e história. Reconheceu-se que as oficinas foram oportunas para expressividade dos adolescentes, para troca de conhecimentos e interação pessoal numa perspectiva horizontal de relação educador e educando, favorecendo um exercício de cidadania. A atividade revelou sua importância como um recurso pedagógico de ensino e de aprendizagem, ficando evidente que a dinâmica aplicada despertou interesse, motivação, desenvolvimento dos participantes, bem como, interações positivas nas relações interpessoais. Finalizando, lembramos Freire (1998, p. 161), quando diz “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança”.